CARTOGRAFAR

Luis Artur Costa
Andréa do Amparo Carotta de Angeli
Tania Mara Galli Fonseca

Tudo o que não invento é falso
(Manoel Barros)

Porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz
(Deleuze & Guattari)

Ela se aproxima do papel querendo apagá-lo, sob a folha em branco vê uma infinidade de palavras desenhadas. Uma tensão. Quem está ao redor quer dizer por. Quer dizer "por quês". Quer dizer de. Quer saber o quê. Sobre ela uma chuva de palavras se sobrepõe. Ela, palavras querendo vesti-la, molhá-la. Como é que se diz isso? Que é que se quer dizer nisso? Cortar as palavras para inventar um dizer com elas. A raspagem da folha em branco repleta de palavras que pousam sem pousar torna-se dizer. Dizer com. Com a folha em branco, com o excesso do nada de palavras, com os muitos sentidos que se torcem, retorcem e dobram na forma aberta de um dizer ainda em branco. Aqui, pesquisar não tem mais a ver com saber sobre, pois se trata de saber com. Habitar um estado de coisas, seus trajetos possíveis, seus incompossíveis, subtrair o que insiste e produzir com. Operar por subtração, cortando da folha em branco as palavras já cansadas de tanto dizer o mesmo, produção de um som menor que coabita o território de sons, fazendo com que este território se abra a novas combinatórias, insistência no retorno da potência de diferir. Busca-se o que é menor, aquilo que agita um estado de coisas, que faz problema, deste modo, ouvidos, narizes, bocas, mãos, se põem a vasculhar um acontecimento. Desenham-se os movimentos que não são completamente apreendidos, mas, seguidos por uma *atenção flutuante*.

> A ativação de uma atenção à espreita – flutuante, concentrada e aberta (...) entendida como um músculo que se exercita e sua abertura precisa sempre ser reativada, sem jamais estar garantida. (...) é a busca reiterada de um tônus atencional, que evita dois extremos: o relaxamento passivo e a rigidez controlada (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009, p. 48).

Observa-se Apolo, dança-se com Dionísio: cartografar é pesquisar o acontecimento acontecimentalizando.

Escrever, filmar, fotografar, dançar, encenar, pintar, pensar com o que acontece: dar corpo a um acontecimento se relacionando com este através da ciência, da arte e da filosofia. A linguagem ajudando a dizer daquilo que lhe ultrapassa, traçados sempre provisórios e frágeis de um "sempre em processo", o inacabado de *um como*. Investiga-se como, produz-se com. Como faz aquilo que faz? Para cartografar é preciso, pois, querer o acontecimento, o lançar dos dados, estar aberto à afirmação do acaso, àquilo que faz problema no mesmo. Suportar um problema, uma sempre vizinhança com territórios de soluções. Estar a caminho. Caminhar em involução, nem de onde, nem para onde, mas habitar as múltiplas temporalidades em um único instante. E perguntar, que é que insiste aqui? Que é que pede passagem na língua? Que é que ganha verbo no que acontece?

Iniciemos então uma breve receita para o que não tem receita: trata-se antes de uma série de operações que efetuam uma atmosfera propícia à cartografia. Pegue a pergunta "por quê?" e quebre-a com um martelo em uma miríade de fagulhas até que cada pedacinho de "por quê?" seja tão pequeno que já não pergunte a razão de algo, mas sim seu modo. Minore o "por quê?" em "como?". O como é um pequeno "por que", tão apequenado em sua medida que já não mede nada além da singularidade daquele evento. Não serve para explicá-lo totalmente e tampouco para dar razão a outros acontecimentos passados ou futuros.

Outra medida desmedida que cai bem a este fazer cartográfico é não se livrar do fugaz. Os "porquês" em geral gostam de se livrar do que é fugidio, pois apenas assim podem ansiar por sua eternidade: ultrapassar a ilusão da mudança para acessar a verdade e suas constantes. Já o "como" ama o que muda, apaixona-se pelos detalhes inúteis e de vida breve, pois não lhe interessam as grandezas para além do tempo e da imanência. Ao invés de leis abstratas o que realmente importa são as cores, odores, sabores, caprichos, texturas, velocidades e outras veleidades

mundanas. Antes de buscar ultrapassar as aparências e sua superficialidade é exatamente na experimentação desta superfície que se faz a vida do cartógrafo. Enquanto o método cartesiano, fundador da ciência moderna, busca transcender os acidentes em sua variabilidade sensível para alcançar as leis inteligíveis de um além-mundo, aqui, tratamos com um mundo *inteligisensível*. Pesquisar com a cartografia é encontrar-se com reentrâncias fugidias de dimensões mínimas que abrem problemáticas ilimitadas, sem espaço para binarismos advindos da partição abstrata do mundo em categorias estanques. Encontro singular e intempestivo entre os fluxos de um devir-mundo que tecem o cartógrafo e sua cartografia: olho e paisagem são um movimento de movimentos em encontro. Movimentos do mundo que tornam impossível a neutralidade do ver: a perspectiva é a afirmação do ser em seu modo.

Enquanto no método cartesiano buscamos nos desvencilhar de nós mesmos para abarcar a universalidade de um sujeito epistêmico geral, aqui não pretendemos a anulação da perspectiva, ainda que isso não signifique ficar preso em si, em um eu romântico que se vê presa de um solipsismo subjetivista. Devemos infectar o mundo com nossos caprichos e nos infectar com as idiossincrasias do mundo: realidade constituída na relação através do contágio virótico sem qualquer assepsia e esterilidade.

Vemos já aqui uma das inclinações deste prato. Não serve à simplificação do mundo e, portanto, não serve ao controle e previsão de fenômenos. Antes disso complexifica, adensa nosso encontro com as insignificâncias, faz verter novos sabores servindo à intensificação das nossas relações com o mundo sem tentar acabar com os imprevistos deste. Para tanto, podemos abrir a dura razão da consciência e seu planejamento simétrico para as irregularidades da experimentação da intuição e do inconsciente: atentar às pequenas percepções que escapam às formas. Planejar o acaso experimental, ficcionar o fato, pensar a intuição e atentar ao inconsciente: na cartografia integramos estes antes polos opostos em uma afirmação de mundo como paradoxo. Ao invés de se encontrar com a verdade, trata-se de dizer sim a isto e a aquilo, de afirmar *uma* verdade no encontro com o mundo.

Bibliografia:

BARROS, Manoel. *Memórias inventadas*. São Paulo: Planeta, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*: *Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. [1980], vol. 1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O Rizoma. Em: *Mil Platôs* Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FONSECA, T. G.; KIRST, Patrícia G.(org.) *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2003.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

© Autores, 2012

Capa: Carla Luzzatto

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Álvaro Larangeira

Revisão de conteúdo e técnica: Graziela Pereira Lopes

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

P474

Pesquisar na diferença: um abecedário / organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. – Porto Alegre: Sulina, 2012.
263 p.

ISBN: 978-85-205-0646-2

1. Psicanálise. 2. Psicologia. 3. Filosofia. I. Fonseca, Tania Mara Galli. II. Nascimento, Maria Lívia do. III. Maraschin, Cleci.

CDU: 101
159.9
159.964.2
CDD: 100
150
190

Todos os direitos desta edição reservados são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3311.4082
Fax: (0xx51) 2364.4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Abril/2012